



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

Inês Garcias Nogueira Ávila Monteiro

**Autocontrolo, Capacidade Para Amar e Psicopatia: Estudo Comparativo entre
População Reclusa e Não Reclusa**

Trabalho realizado sob orientação da

Professora Doutora Maria José Pereira Ferreira

e a coorientação da

Professora Doutora Cláudia Noémia Soares de Sousa

fevereiro 2022



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

Inês Garcias Nogueira Ávila Monteiro

**Autocontrolo, Capacidade Para Amar e Psicopatia: Estudo Comparativo entre
População Reclusa e Não Reclusa**

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Justiça

Dissertação apresentada na Universidade Lusófona do Porto
Para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia da Justiça: Vítimas de Crime
Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto
No dia 06/02/2023, perante o júri seguinte:

Presidente: Prof^a Doutora Carla Margarida Vieira Antunes (Professora Auxiliar da
Universidade Lusófona do Porto).

Arguente Prof^a Doutora Olga Cecília Soares Da Cunha (Professora Auxiliar da
Universidade Lusófona do Porto)

Orientadora: Prof^a Doutora Maria José Pereira Ferreira (Professora Auxiliar da
Universidade Lusófona do Porto).

fevereiro de 2023

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço do fundo do coração à Prof. Dra. Maria José Ferreira e à Prof. Dra. Cláudia Sousa pela imensa disponibilidade e dedicação e ajuda em todas as fases deste processo, pelo exemplo que foram e por toda a motivação que me deram desde o início.

Aos meus pais e avô, que usaram sempre as palavras no momento certo, que me apoiaram todos os dias e que me ensinaram a nunca desistir dos meus sonhos.

À minha avó, que olhou por mim desde sempre.

Ao meu namorado, pela dedicação diária, força e suporte, mas sobretudo por acreditar sempre em mim.

Sem eles, toda esta jornada não era possível.

Por fim, a todos os participantes deste estudo que o tornaram, desta forma, exequível.

Resumo

As relações entre o autocontrolo e a psicopatia têm sido amplamente estudadas em amostras forenses, associadas, muitas vezes, a indicadores de desajustamento psicológico. Existem bastantes menos estudos acerca destas dimensões, quer na população geral, quer associados a dimensões promotoras de um funcionamento mais adaptativo.

Assim sendo, o presente estudo teve como objetivos principais: a) Explorar as associações entre o autocontrolo, as dimensões da psicopatia e capacidade para amar).; b) Analisar os níveis de autocontrolo, de psicopatia e a capacidade para amar, comparando-os entre a população reclusa e não reclusa, em função do género.

Participaram neste estudo 255 indivíduos, 153 (68%) em reclusão e 102 (32%) em não reclusão, sendo que, nos que vivem em reclusão 71 (46.4%) eram do género feminino e 82 (53.6) são do género masculino, enquanto que nos que vivem na comunidade, 74 (72.5%) eram do género feminino e 28 (27.5%) do género masculino.

De modo geral, os resultados indicaram que quanto maior for a capacidade para amar, maiores tenderão a ser os níveis de autocontrolo e menores os de psicopatia. Valores mais baixos de autocontrolo mostraram-se ainda associados a níveis mais elevados de psicopatia em todas as suas dimensões.

Em relação à psicopatia, o género não influencia significativamente os níveis de psicopatia, tendo-se, no entanto, encontrado diferenças significativas entre reclusos e não reclusos, independentemente do género dos mesmos.

No que se refere à capacidade para amar e ao autocontrolo, não se encontram diferenças estatisticamente significativas.

A investigação decorrente deste estudo é relevante para a contribuição do conhecimento científico sobre as variáveis apresentadas, tanto na população reclusa como na não reclusa, sendo que se espera que os resultados inerentes ao mesmo possam contribuir para futuros estudos neste âmbito.

Palavras-chave: *Autocontrolo, Psicopatia, Capacidade para Amar, População Reclusa, População não-reclusa*

Abstract

The relationships between self-control and psychopathy have been widely studied in forensic samples, often associated with indicators of psychological dysfunction. However, there are considerably fewer studies on these dimensions, either in the general population or associated with dimensions promoting more adaptive functioning.

Therefore, the main objectives of this study were: a) To explore the associations between self-control, psychopathy dimensions, and capacity to love; b) To analyze the levels of self-control, psychopathy, and capacity for love, comparing them between the inmate and non-inmate population, according to gender.

A total of 255 individuals participated in this study, 153 (68%) in prison and 102 (32%) in non-prison, 71 (46.4%) of whom were female, and 82 (53.6%) were male, while those living in the community, 74 (72.5%) were female and 28 (27.5%) were male.

In general, the results indicated that the higher the capacity to love, the higher the levels of self-control and the lower the levels of psychopathy. Lower values of self-control were also associated with higher levels of psychopathy in all its dimensions.

Regarding psychopathy, gender did not significantly influence the levels of psychopathy, but significant differences were found between inmates and non-inmates, regardless of their gender.

No statistically significant differences were found in the capacity to love and self-control.

The research resulting from this study is relevant for the contribution of scientific knowledge on the variables presented, both in the inmate and the non-inmate population. Its results are expected to contribute to future studies in this area.

Keywords: *Self-control, Psychopathy, Capacity to Love, Inmate Population, Non-prisoner Population*

Índice

Agradecimentos	v
Resumo	vi
Abstract	vii
Enquadramento Teórico	1
Autocontrolo e Psicopatia.....	1
Capacidade para Amar.....	6
Método	10
Participantes.....	10
Medidas.....	12
Procedimentos.....	13
Estratégia de Análise de Dados.....	14
Resultados	15
Análise Descritiva das Variáveis em Estudo.....	15
Associação entre a capacidade para amar, autocontrolo e psicopatia.....	16
Diferenças nos níveis da psicopatia, da capacidade para amar e do autocontrolo entre a população reclusa e não reclusa, em função do género.....	18
Discussão	22
Referências Bibliográficas	25

Índice de Tabelas

Tabela 1: Caraterização sociodemográfica da amostra de reclusos e não reclusos

Tabela 2: Análises descritivas das variáveis em estudo

Tabela 3: Correlação entre as subescalas da capacidade para amar, o autocontrolo e as subescalas da psicopatia.

Tabela 4: Diferenças ao nível da Psicopatia entre reclusos e não reclusos, em função do género

Tabela 5. Diferenças ao nível da Psicopatia de reclusos e não reclusos

Lista de Abreviaturas / Acrónimos

ANOVA – *Analysis of Variance*

CTL-I - *Capacity to Love Inventory*

ICA-I - Inventário da Capacidade para Amar

SRP-SF - *Self-Report Psychopathy Scale - Short Form*

MANOVA – *Multivariate Analysis of Variance*

SPSS – *Statistical Program for Social Sciences*

1. Enquadramento Teórico

Autocontrolo e Psicopatia

Apesar de não existir uma definição consensual, Duckworth e col. (2019) definem o autocontrolo como a capacidade que o indivíduo tem para regular os seus pensamentos, sentimentos e comportamentos quando os seus objetivos a longo prazo entram em conflito com a concretização de objetivos imediatos mais gratificantes. O autocontrolo integra assim a capacidade de dominar impulsos que são considerados socialmente inaceitáveis ou até indesejados, dando a possibilidade ao indivíduo de conseguir executar comportamentos planeados.

Os indivíduos tendem a evitar algum tipo de tentação, inibir as suas respostas (comportamentos inibitórios) ou dirigir a sua intenção e comportamento para os seus objetivos (comportamentos iniciáticos) (Myrseth & Fishbach, 2009). Assim sendo, antecedentes teóricos acerca da teoria de autorregulação de Gray (1994) explicam a distinção dos dois sistemas que refletem a iniciação e a inibição de respostas que são substancialmente orientadas por objetivos, nomeadamente o sistema de ativação comportamental e o sistema de inibição comportamental.

A capacidade para regular as suas respostas internas, bem como a possibilidade de anular ou interromper comportamentos agradáveis, mas que possam ser considerados desajustados ou perniciosos, permitirá ao indivíduo ajustar-se de forma mais adaptativa aos seus diversos contextos de vida. (Tangney et al., 2018).

Por oposição ao autocontrolo, existe uma disposição comportamental que pode ser caracterizada pela desinibição comportamental, procura de sensações, dificuldades em adiar a gratificação, baixa regulação emocional e interesse apenas no próprio *self* (DeLisi et al., 2021).

Quando existem baixos níveis de autocontrolo verificam-se défices relacionados com a incapacidade do indivíduo em resistir à tentação dos desejos imediatos, em vez de se comprometer com soluções mais prudentes a longo prazo. Indivíduos com baixos níveis de autocontrolo tendem a ser egocêntricos, mal-humorados e impulsivos. Crimes de agressão sexual, agressões no geral e problemas de consumo e/ou abuso de substâncias parecem estar associadas a baixos níveis de autocontrolo (De Ridder, 2017; Allemand et al., 2019).

Resultados de estudos prévios realizados neste âmbito, têm indicado de forma consistente que, quanto mais elevados forem os níveis de autocontrolo disposicional do indivíduo, melhores serão os resultados obtidos associados à autodisciplina, que foca os padrões gerais do comportamento e à impulsividade, referente ao controlo dos impulsos e à resistência a tentações ou recompensas a curto prazo (Tangney et al., 2018). O autocontrolo também tem sido associado a diversas formas de comportamento antissocial (Pechorro et al., 2018).

Posto isto, a literatura aponta para o facto de que, apesar do autocontrolo e da psicopatia serem construtos independentes entre si, são fatores de risco que podem contribuir para o desenvolvimento de comportamentos antissociais, sendo ainda preditores robustos de múltiplas formas de psicopatologia (DeLisi et al., 2021)

A psicopatia, na sua definição, refere-se a um transtorno de personalidade que é caracterizada principalmente por falta de culpa e empatia, manipulação, afeto superficial e outros comportamentos antissociais, impulsivos, premeditados, severos e por vezes violentos (Viding et al., 2014).

Blackburn, em 1992, identificou três maneiras distintas que podem traduzir a evolução deste construto: a primeira, relacionada com a deterioração ou desvio do indivíduo e de fatores psicológicos, que se desviam da normalidade; a segunda, referente a uma deterioração ou desvio social, em que esta perturbação pode ser explicada pelo comportamento desviante e antissocial da personalidade; e a terceira engloba uma junção das duas primeiras evoluções do construto, sendo que a psicopatia pode ser traduzida e explicada a partir dos aspetos de deterioração da personalidade como resultado de um desvio social à norma, em conformidade com critérios clínicos relacionados com este tipo de perturbação.

Abordagens posteriores indicam uma maior associação desta perturbação de personalidade à conceção dimensional ao invés da conceção categórica, na medida em que a conceção dimensional, partindo de evidências empíricas, agrupa os atributos clínicos específicos da perturbação e não apenas ao conjunto de critérios que definem a perturbação (Neumann & Hare, 2008).

No entanto, a psicopatia, de forma sucinta e mais focada na sua definição global, é descrita como uma perturbação de personalidade que está associada a problemas tanto sociais como comportamentais (Coid et al., 2009), caracterizada por uma variedade de características que envolvem o foro afectivo, interpessoal e do estilo de vida do indivíduo (Boduszek et al., 2016). Esta perturbação está associada a problemas de autorregulação,

ao narcisismo e a um padrão que envolve manipulação e impulsividade (DeLisi et al., 2021), bem como à ausência de culpa ou remorso, que envolve uma grande falta de preocupação das suas ações sobre os outros, mesmo quando os efeitos são devastadores. No entanto, quando estamos na presença de um indivíduo com psicopatia que se encontra na prisão, ele “aprende” que assumir que sente remorso é algo importante e a ter em conta, dirigindo o seu discurso para tender a desculpar-se pelos seus atos. Tendem ainda a passar a imagem de “especialistas, tornando-se credíveis acerca da sua perturbação e levantando mesmo dúvidas acerca da mesma (Hare, 2013).

Como características comuns da perturbação de psicopatia, Hare (2013) explica que os psicopatas possuem traços muito próprios, mas que facilmente e com alguma manipulação, podem fazer-se passar por pessoas que não apresentam qualquer tipo de perturbação ou desvio, conseguindo ser convincentes em muitos casos e, por vezes, difíceis de avaliar.

Estes indivíduos, quando se apresentam a alguém, tendem a ser pessoas agradáveis, de conversa fácil e atraentes, todavia, são normalmente falsos e superficiais, contam histórias com pouca probabilidade de serem reais, mas com a finalidade de passar uma imagem de grandiosidade e inteligência (Hare, 2013).

Hare (2013) refere ainda que eles têm uma visão bastante exagerada de si próprios e do seu valor, possuem um cariz narcisista e que acreditam que são seres superiores que podem viver com as suas próprias regras e valores, sem ter que cumprir leis ou obrigações enquanto seres sociais, visto que são muito seguros de si, dominadores e de opinião firme. Acrescenta ainda que estes indivíduos encaram os problemas como “derrotas temporárias”, sem nunca assumir a culpa das suas ações, considerando muitas vezes que tudo o que consideram mau ou injusto é fruto de má sorte ou problema do sistema, tendo ainda muito presente a falta de empatia ou compaixão pelos outros, visto que, por vezes, não passam de meros “objetos”.

Soeiro e Gonçalves (2010) fazem referência à existência de estudos acerca da psicopatia que apontam para uma série de comportamentos que resultam de fatores biológicos e da personalidade, que podem estar no cerne de antecedentes familiares e outros fatores ambientais que estiveram presentes na vida do indivíduo, podendo ter influência e impacto no modo como estes se relacionam e no seu comportamento.

Uma das primeiras concetualizações acerca da psicopatia distinguia a psicopatia primária da secundária (Cleckley, 1976; Lykken, 1995). A primária é caracterizada por um desajuste ou algum tipo de défice genético que impede a autorregulação e interfere na

interpretação e na expressão de emoções sociais, enquanto a psicopatia secundária resulta de uma combinação de fatores genéticos e da influência dos contextos sociais de risco, sendo assim caracterizada por questões relativas à ansiedade, características de personalidade (neuroticismo), possíveis desvantagens sociais e ainda associada à existência de psicopatologia (Pinheiro et al., 2020).

Blackburn (2004) aponta ainda que, indivíduos caracterizados com psicopatia primária mostram-se mais resistentes à intervenção psicológica, comparativamente aos indivíduos que apresentam psicopatia secundária e, em alguns casos, a melhor forma de intervenção é privá-los da sua liberdade.

Contrapondo a perspectiva da distinção entre psicopatia primária e psicopatia secundária, Hare (2013) refere que deve haver uma rejeição destes termos no que remete à ausência de ansiedade, sendo que a psicopatia deve ser vista como um construto multidimensional de dois fatores que se relacionam entre si, composto pelo fator que engloba o estilo afetivo e interpessoal (que engloba aspetos clínicos da perturbação de psicopatia) e pelo fator que engloba o comportamento antissocial e um estilo de vida desviante (que engloba aspetos mais focados no comportamento).

Posteriormente, Neumann e col. (2015) refinam esta conceptualização e descrevem a psicopatia como um constructo superior sustentado em quatro fatores ou dimensões: 1) Interpessoal, caracterizado pelo encanto superficial, autoestima grandiosa, mentira patológica e manipulação; 2) Afetivo, composto pela falta de remorso ou culpa, afeto superficial, falta de empatia e falta de responsabilidade pelas ações; 3) Estilo de vida, caracterizado pela necessidade de estímulos constantes, tendência para o aborrecimento e um estilo de vida parasitário, falta de objetivos realistas a longo prazo, impulsividade e irresponsabilidade); 4) Antissocial, composto por um baixo controlo comportamental, problemas comportamentais precoces, delinquência juvenil e versatilidade criminosa.

Estes dados permitem uma maior compreensão acerca do fenómeno, principalmente quando se considera o estudo de populações com historial de criminalidade (Soeiro et al., 2010), mas também quando se pretende analisar os níveis de psicopatia na população geral.

Em relação à prevalência da psicopatia na população reclusa, estudos de Coid e col. (2009) apontam para uma diferença significativa entre os níveis de psicopatia dependendo dos países, no entanto, concluem que são nas prisões de média-alta segurança que se concentram os indivíduos com níveis mais elevados de psicopatia devido ao seu comportamento criminoso grave e por apresentarem variadas perturbações de

comportamento. Além disso, indicam ainda que os homens apresentam maior nível de psicopatia ao nível interpessoal, afetivo e com traços impulsivos e antissociais, comparativamente com as mulheres.

Acrescenta-se ainda que a literatura tem vindo a apontar que, na população reclusa ou institucionalizada, níveis de baixo autocontrolo estão significativamente associados a níveis elevados de psicopatia (quanto menor for o autocontrolo no indivíduo, maior é a probabilidade de apresentar traços de psicopatia e respetivos comportamentos associados à perturbação) no entanto, é importante um estudo mais aprofundado da psicopatia para se obter conclusões mais significativas e concretas, sendo que o objetivo é compreender vários tipos de desvios existentes os indivíduos. (DeLisi et al., 2020)

O autocontrolo e a psicopatia apresentam semelhanças no que se refere a características de personalidade dos indivíduos visto que estes podem ser egoístas e egocêntricos em oposição a altruístas, e impulsivos em oposição a autorregulados, podendo existir ainda uma orientação de acção arriscada em detrimento de uma acção cautelosa. Estes indivíduos tendem a ter um comportamento de manipulação que pode ser levado ao extremo devido ao egocentrismo (DeLisi et al., 2020), bem como a presença de uma reduzida conexão emocional, um comportamento destemido, mesquinho e por vezes agressivo (Boduszek et al., 2016).

Sendo assim níveis baixos de autocontrolo e elevados de psicopatia podem estar significativamente associados a um conjunto de problemas de conduta, a variados sintomas de externalização, ao crime e à violência (DeLisi et al., 2020).

Existem ainda semelhanças entre a psicopatia e a perturbação de personalidade antissocial na medida em que relacionam características associadas a problemas de autorregulação, o estilo interpessoal do indivíduo, a capacidade de manipulação, comportamento explorador, traços de narcisismo, impulsividade, irresponsabilidade e procura frequente de sensações, o que pode, deste modo, estar associado também a uma baixa capacidade para amar. No entanto, é importante ainda referir que nem todos os indivíduos com perturbação de personalidade antissocial possuem traços de personalidade psicopática ou psicopatia (DeLisi et al., 2021).

Capacidade para Amar

Autores como Bowlby e Ainsworth, defendem que os seres humanos, devido a fatores que envolvem o tempo de duração da sua infância, a relação inicial de dependência da figura materna ou outra figura cuidadora e por possuírem capacidades cognitivas, são sensíveis à necessidade de cuidado e afeto, necessidade essa que é consideravelmente maior do que outro ser vivo (Braz, 2006).

Bowlby (1998) desenvolveu a Teoria da Vinculação, tendo nela introduzido o conceito de Modelos Internos Dinâmicos. De acordo com a mesma, conseguimos perceber que se considera que é no primeiro ano de vida que o bebê vai estabelecer uma relação com uma figura que seja capaz de lhe conferir cuidados, segurança e proteção, sendo que esta vai ser a figura de vinculação, maioritariamente a figura maternal. É assim expectável que esta esteja sempre pronta para se confrontar com situações de perigo e assegurar as necessidades que o bebê apresenta, conseguindo dar-lhe uma resposta eficaz.

É a partir da infância que as crianças começam a desenvolver e a experienciar relações precoces com as figuras significativas, com as quais estabelecem um vínculo e são nestas relações que encontram ferramentas importantes que terão impacto na sua adolescência e na idade adulta (Lima et al., 2014).

Estas relações precoces servirão como modelo para relações futuras, que por sua vez resultam nas expectativas que a pessoa tem acerca de si e dos outros, interferindo e transformando tudo o que é do foro da competência social e no que se refere ao bem-estar. Percebe-se então que estas primeiras experiências vão servir de protótipo ou exemplo para futuras relações íntimas, que decorrerão em todo o processo desenvolvimental do indivíduo, na medida que estes construirão esquemas cognitivos-afetivos e emocionais resultantes dessa mesma sequência desenvolvimental. (Collins & Read, 1990).

Importa ainda referir que o padrão de vinculação estabelecido durante a infância, assim como condições familiares e sociais, terão uma grande influência no decorrer do desenvolvimento da criança. Ainsworth (1981), nos seus estudos e, na sequência dos estudos de Bowlby (1958), identifica três padrões de vinculação que descrevem e identificam a relação da criança com a figura de vinculação, bem como as condições familiares que promovem o seu desenvolvimento e bem-estar. É no padrão de vinculação segura, onde a figura de vinculação se mostra disponível, responsiva e útil na resposta às necessidades da criança, respondendo ainda a momentos e situações que possam ser

adversas ou ameaçadoras, que a criança vai construindo confiança e conforto nas relações interpessoais.

Quando a idade adulta é atingida é esperado que, se na infância existiu complementaridade na procura e prestação de cuidados e uma figura de vinculação capaz de os proporcionar, então o indivíduo traduz um balanceamento flexível e contínuo, no que concerne ao “dar e receber”, nomeadamente oferecer e proporcionar segurança ao outro, e nele procurar de volta essa segurança e o conforto, preparando-o para o estabelecimento de relações amorosas e de intimidade (Bowlby, 1990).

Toda esta relação tem por base a reciprocidade, traduzida assim na relação adulto-adulto, tal como existia na infância, com a figura de vinculação (Lima et al., 2014).

O termo “capacidade para amar” é descrito por Margherita e col. (2018) como uma pré-disposição humana para o relacionamento íntimo e profundo com outras pessoas, estando associado a características de desenvolvimento do indivíduo. Deste modo podemos afirmar que o “amor” desempenha um papel crítico na evolução do ser humano e deste modo está relacionado com uma melhor saúde e uma melhor sobrevivência (Kapusta et al., 2018).

Sternberg (1986), segundo o seu modelo da triangulação do amor e, posteriormente, Mejia e col. (2020) indicam que relacionamentos bem-sucedidos têm por base factores como a intimidade, a paixão e o comprometimento. Contrariamente a isto, um relacionamento mal-sucedido pode ter por base problemas em estabelecer ou manter um relacionamento amoroso bem como uma associação a algum tipo de condição patológica.

A capacidade para amar, em específico, relaciona-se com a capacidade do indivíduo para investir, manter e comprometer-se com relacionamentos românticos maduros (Kernberg, 2011). Para além disto e para uma melhor compreensão do termo “capacidade para amar” reforçam-se seis dimensões presentes naquilo que é o “amor”, sendo elas o interesse nos projetos de vida do outro, a confiança básica, a gratidão, o ideal comum do eu, a permanência da paixão sexual e a aceitação da perda, luto e ressentimento (Kapusta et al., 2018; Kernberg, 2011). A sub-dimensão que diz respeito ao “interesse pelo projeto da vida do outro” traduz a necessidade que o indivíduo tem em conhecer os projetos e ambições do seu parceiro romântico, em várias dimensões e a pré-disposição para o envolvimento nos mesmos. A “confiança básica” refere-se principalmente à confiança que se tende a estabelecer ainda em idade precoce, mas primeiras relações com os cuidadores ou com a figura de vinculação, que será a base para, na idade adulta, o indivíduo conseguir desenvolver relações românticas, fornecendo-lhe sentimentos

semelhantes de segurança. A “gratidão” refere-se ao facto do indivíduo se demonstrar grato pela existência do seu parceiro, expressando-a naturalmente, de forma a que a outra pessoa se sinta valorizada pelo papel que desempenha na sua vida. O “ideal comum do eu” refere-se ao comprometimento e investimento relacional, entre um indivíduo e o parceiro romântico, que enfatiza as atitudes, o respeito, a personalidade, os valores e a conexão entre ambos. A “permanência da paixão” traduz a crença que é possível manter a paixão e o desejo sexual nas relações duradouras, assim como a necessidade de envolvimento sexual ao longo do tempo com o parceiro romântico. Por fim, a “aceitação da perda, luto e ressentimento” traduz a capacidade de tolerar tanto a perda do parceiro romântico como o possível luto, na medida que o indivíduo, eventualmente, se pode deparar com situações inevitáveis e ruturas relacionais, sendo que neste caso, já deve ter um *background* do desenvolvimento na infância e adolescência, que o “preparam” e contribuem para a capacidade dele desenvolver relações amorosas mas que também o alerta para possíveis deceções e acontecimentos potencialmente dolorosos.

De Claire e col. (2019), num dos seus estudos, acrescentam ainda pontos importantes e inerentes ao amor, nomeadamente no que se refere à confiança nas emoções do parceiro e da relação de ambos, à importância de uma relação empática e de compreensão baseada nas necessidades e na liberdade de ambos e, sobretudo, que seja baseada na honestidade e bondade mútua. O autor reforça que é a honestidade que sustenta um relacionamento bem-sucedido e que, desta forma, mais facilmente são quebradas possíveis barreiras que possam surgir na capacidade de argumentação entre o casal, em situações mais complexas ou de divergências (entre ambos).

Kernberg (2011) & De Claire e col. (2019), acrescentam que um elemento fulcral para a resolução dos conflitos e problemas numa relação, bem como a única possível solução dos mesmos, é o pedido de perdão. Consequentemente, ambos afirmam que indivíduos com uma perturbação de psicopatia ou que apresentem traços narcisistas dificilmente conseguirão assumir o perdão perante o seu parceiro romântico, na medida que, maioritariamente, atribuem a culpa ao parceiro, não sendo capazes de refletir sobre a sua própria conduta, resultando num maior grau de conflito relacional e na não-resolução do problema em conjunto.

Contrariamente a isto, um relacionamento mal-sucedido pode ter por base problemas em estabelecer ou manter um relacionamento amoroso bem como uma associação a algum tipo de condição patológica (Kernberg, 2011).

No estado de “apaixonado” o indivíduo tende a ter um certo grau de idealização acerca do seu parceiro romântico, um encantamento com o mesmo, com as suas características físicas, de personalidade e sexuais, bem como um alto nível de interesse pelos seus valores e um desejo de se relacionar intimamente (Kernberg, 2011). Contrariamente um indivíduo que possua algum tipo de característica associada à psicopatia, para além de apresentar pouca conexão emocional, não tende a evocar a imagem de um parceiro ideal. Estas características ou traços psicopáticos podem apresentar barreiras associadas à insatisfação do relacionamento e possível manutenção do mesmo, na medida em que, para estes indivíduos existem défices de confiança, intimidade e interacções positivas. (Mejia et al., 2020).

Kernberg (2011) refere ainda que a psicopatia tende a predispor um padrão comportamental de histórias de vida a curto prazo, ou seja, como estes indivíduos têm tendência a serem impulsivos também a nível sexual estão mais motivados a terem “amigos com benefícios” ou até relacionamentos apenas de uma noite, do que se envolverem intimamente numa relação a longo prazo. Reforça ainda a ideia de que a (in)capacidade para amar tem sido muito associada na literatura à personalidade narcisista, ao comportamento agressivo e a várias perturbações mentais. No entanto, as relações específicas entre a capacidade para amar, a psicopatia e o autocontrolo não foram ainda explorados na investigação científica, nomeadamente em indivíduos em estado de reclusão e não reclusão.

Face ao exposto ao que foi referido anteriormente, para uma melhor compreensão de toda a temática apresentada, serão definidos para o presente estudo os seguintes objetivos:

- 1) Explorar as associações entre o autocontrolo, as dimensões da psicopatia e a capacidade para amar.
- 2) Analisar as diferenças nos níveis de autocontrolo, de psicopatia e da capacidade para amar, entre grupos de participantes em estado de reclusão prisional e outro a viver na comunidade, em função do género.

2. Método

2.1 Participantes

A amostra relativamente à população em contexto prisional foi selecionada por conveniência, ou seja, não probabilística, uma vez que a recolha de dados e a participação dos reclusos no estudo dependeu da disponibilidade de cada Estabelecimento Prisional, de norte a sul do país. A recolha realizou-se presencialmente.

A amostra relativamente à população não reclusa foi selecionada através de uma plataforma de recolha de dados *online*.

Neste estudo foram incluídos participantes em estado de reclusão e participantes a viver em comunidade, de ambos os sexos, com idade superior a 18 anos, que aceitaram de forma voluntária e informada participar no estudo.

Deste modo, participaram neste estudo, um total de 255 indivíduos, sendo que 153 (68%) se encontram em reclusão e os restantes 102 (32%) a viver na comunidade.

Conforme se pode verificar pela consulta da Tabela 1, os indivíduos reclusos apresentam idades compreendidas entre os 23 e os 72 anos ($M = 39.81$, $DP = 10.29$) sendo que 71 (46.4%) são do género feminino e 82 (53.6%) são do género masculino. 41.2%. Do total dos reclusos, 63 (41.2%) não têm filhos, comparativamente a 88 (57.5%) que têm filhos. Quanto à orientação sexual a maioria ($N = 124$; 81%) afirma ser heterossexual e a minoria ($N = 1$; 0.7%) afirmam que têm outra orientação sexual. Relativamente ao estado civil, a maioria ($N = 83$; 54.2%) estão solteiros e a minoria ($N = 4$; 2.6%) são viúvos. Acerca das habilitações académicas, a maioria ($N = 103$; 67.3%) completou o Ensino Secundário.

Os indivíduos não reclusos apresentam idades compreendidas entre os 23 e os 66 anos ($M = 38.49$, $DP = 12.22$) sendo que 74 (72.5%) são do sexo feminino e 28 (27.5%) são do sexo masculino. 51 (50%) indivíduos não têm filhos, comparativamente a 51 (50%) que têm filhos. Quanto à orientação sexual a maioria ($N = 91$; 89.2%) afirma ser heterossexual, e a minoria ($N = 1$; 1%) afirmam que têm outra orientação sexual. Relativamente ao estado civil, a maioria ($N = 46$; 45.1%) estão solteiros, seguidos de 44 (43.1%) que estão casados ou em união de facto. Acerca das habilitações académicas, a maioria ($N = 67$; 65.7%) completou o Ensino Secundário.

Tabela 1.*Caraterização sociodemográfica da amostra de reclusos e de não reclusos*

	Recluso (N = 153)					Não Recluso (N = 102)				
	<i>N1</i>	<i>%</i>	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>Amp.</i>	<i>N2</i>	<i>%</i>	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>Amp.</i>
Género										
Feminino	71	46.4				74	72.5			
Masculino	82	53.6				28	27.5			
Idade			39.81	10.29	23-72			38.49	12.22	23-66
Habilitações académicas										
Até Ensino Básico	34	22.2				16	15.7			
Ensino Secundário	103	67.3				67	65.7			
Ensino Superior	16	10.5				19	18.6			
Tem filhos										
Não	63	41.2				51	50.0			
Sim	88	57.5				51	50.0			
Estado civil										
Solteiro	83	54.2				46	45.1			
Casado/União de Facto	43	28.1				44	43.1			
Divorciado	22	14.4				10	9.8			
Viúvo	4	2.6				2	2.0			
Orientação Sexual										
Heterossexual	124	81.0				91	89.2			
Homossexual	5	3.3				5	4.9			
Bissexual	9	5.9				3	2.9			
Prefiro Não Responder	7	4.6				2	2.0			
Outra	1	0.7				1	1.0			

2.2 Medidas

Para ser possível a realização do presente estudo, seguidamente serão apresentados os respetivos instrumentos de avaliação:

Questionário Sociodemográfico (e criminal)

Questionário que permite a recolha de dados pessoais, nomeadamente acerca da idade, género, nacionalidade, concelho de residência, nível de escolaridade, estado civil, se tem filhos, nível socioeconómico e se possui alguma perturbação psicológica diagnosticada, bem como a referência ao crime, nomeadamente acerca do número de condenações, tipo de crime e tempo de pena. São incluídas ainda questões sobre a vitimação prisional.

Escala Breve de autocontrolo (Brief Self-control Scale), traduzida e adaptada por Cruz (2013)

Esta escala de medida pretende fazer uma avaliação das diferenças individuais no que refere ao traço de autocontrolo, sendo que se constitui por um total de 13 itens, respondidos numa escala tipo Likert, com 5 níveis (de 1 a 5, em que 1 se refere a “nada” e 5 se refere a “muito”).

Como exemplo, inclui itens como “digo coisas inapropriadas”, “muitas vezes comporto-me sem pensar em todas as alternativas”.

A avaliação/pontuação desta escala é feita a partir de um “score” total, obtido a partir da soma de todos os itens (mínimo de 13 pontos e máximo de 65). Quanto mais elevada for a pontuação, mais elevado será o nível da capacidade de autocontrolo.

Nesta escala e para este estudo, os valores de consistência interna apontam para o valor de $\alpha = .75$, o que traduz uma consistência interna razoável (Pestana & Gageiro, 2020).

Escala de Psicopatia (SRP-SF) de Hare (1980); Seara-Cardoso et al., (2020)

Esta escala de medida refere-se a um inventário de avaliação acerca da psicopatia. É constituída por 28 itens, sendo que avalia quatro factores, nomeadamente 1) psicopatia interpessoal, 2) psicopatia afetiva, 3) psicopatia estilo de vida e 4) psicopatia antissocial.

Estes itens são respondidos numa escala tipo de Likert, com 5 níveis (de 1 a 5, em que 1 se refere a “discordo fortemente” e 5 se refere a “concordo fortemente, sendo que existem itens invertidos, que a pontuação deve ser inversa).

Valores mais altos de score representam valores mais elevados de psicopatia.

Nesta escala e para este estudo, os valores de consistência interna remetem para os seguintes valores: psicopatia interpessoal ($\alpha = .80$) (consistência interna boa); psicopatia afetiva ($\alpha = .68$) (consistência interna razoável); estilo de vida ($\alpha = .82$) (consistência interna boa) e antissocial ($\alpha = .81$) (consistência interna boa) (Pestana & Gageiro, 2020).

Inventário da Capacidade para Amar (ICA-I) (Capacity to Love Inventory – CTL-I) de Kapusta et al. (2018)

O ICA-I refere-se a um questionário/inventário da capacidade para amar e é constituído por 41 itens, e avalia 6 dimensões, nomeadamente 1) o interesse nos projetos de vida do outro, 2) confiança básica, 3) gratidão, 4) ideal comum do eu, 5) permanência da paixão sexual e 6) aceitação da perda, luta e ressentimento. Estes itens são respondidos numa escala tipo Likert, com 4 níveis (de 1 a 4, em que 1 se refere a “discordo completamente” e 4 se refere a “concordo completamente”).

Este inventário permite que seja possível a associação entre resultados positivos à qualidade das relações, e a associação entre resultados negativos à sintomatologia depressiva, promiscuidade e narcisismo patológico. É possível ainda compreender como é que o indivíduo percebe o amor, a sua capacidade para amar e os seus processos subjacentes.

Nesta escala e para este estudo, os valores de consistência interna remetem para os seguintes valores: projeto da vida do outro ($\alpha = .82$) (consistência interna boa); confiança básica ($\alpha = .86$) (consistência interna boa); gratidão ($\alpha = .90$) (consistência interna muito boa); eu ideal ($\alpha = .88$) (consistência interna boa); permanência da paixão ($\alpha = .79$) (consistência interna razoável) e perda e luto ($\alpha = .79$) (consistência interna razoável) (Pestana & Gageiro, 2020).

2.3 Procedimentos

A recolha de dados na população comunitária foi realizada entre os meses de dezembro de 2021 e março de 2022, em formato online através da plataforma *Qualtrics survey*, onde foram descritos os objetivos e os procedimentos do estudo, assegurada a confidencialidade e o anonimato dos participantes, assim como a possibilidade de desistência do preenchimento dos instrumentos a qualquer momento.

A recolha de dados na população reclusa, foi realizada nos estabelecimentos prisionais do Norte a Sul do país, entre os meses de junho e julho de 2022, após a autorização por parte da Direção Geral de Reinserção e dos Serviços Prisionais.

Importa por fim referir que tanto na recolha de dados como no decorrer da investigação, foram assegurados e tidos em conta todos os procedimentos éticos e deontológicos, presentes no Código Deontológico dos Psicólogos Portugueses.

A todos os participantes deste estudo foi obtido o Consentimento Informado, assinados pelos mesmos, onde estão descritos os objectivos da investigação, qual a metodologia utilizada, bem como os procedimentos e o armazenamento dos dados posteriormente obtidos.

Foram cumpridos os diferentes princípios associados a um exercício profissional rigoroso, nomeadamente o Princípio da Privacidade e Confidencialidade.

Acresce ainda o Princípio da Investigação, na necessidade de não causar danos físicos e/ou psicológicos aos participantes do estudo em questão. Foram ainda avaliados os potenciais riscos para que cada participante pudesse, sem qualquer risco para a sua saúde, bem-estar, valores ou dignidade, participar no estudo. Importa ressaltar ainda que a participação neste estudo ocorreu de forma voluntária, e que ninguém pôde ser obrigado ou coagido a participar na investigação.

2.4 Estratégia de análise de dados

Para a análise dos dados recolhidos e o respetivo tratamento, recorreu-se ao suporte informático IMB-SPSS *Statistics*, na versão 28.

Começou-se por realizar uma análise descritiva de todas as variáveis em estudo.

Para averiguar se existem associações significativas entre as variáveis (autocontrolo, psicopatia e capacidade para amar) recorreu-se ao coeficiente de correlação de Pearson tendo-se utilizado a classificação de Cohen (1988). Como, de acordo com este autor, em grandes amostras a violação do pressuposto de normalidade de todas as variáveis envolvidas afeta pouco os resultados, e uma vez que se calcularam os coeficientes de correlação de Spearman, mas os resultados foram análogos aos obtidos com o coeficiente de correlação de Pearson, optou-se por apenas reportar este último.

Para perceber se existiam diferenças em função da reclusão e não reclusão e em função do género, e após se avaliar todos os pressupostos de normalidade e homogeneidade da matriz de variâncias-covariâncias, recorreu-se à realização de duas MANOVAs (*Multivariate Analysis of Variance*), para as variáveis referentes à psicopatia e à capacidade para amar. Com recurso ao teste M de Box, avaliou-se o pressuposto da homogeneidade da matriz de variâncias-covariâncias, sendo que no caso da psicopatia a homogeneidade foi rejeitada ($M = 185.37$; $F(30, 47706.94) = 5.96$; $p < .001$) e no caso da

capacidade para amar a homogeneidade foi igualmente rejeitada ($M = 147.51$; $F(63, 42331.51) = 2.22$; $p < .001$). Para estas duas variáveis, foi então realizada uma MANOVA não paramétrica (Marôco, 2010), contudo acabou por se obter os mesmos resultados das MANOVAs paramétricas e optou-se por prosseguir esta última opção. A MANOVA só apresentou diferenças significativas na variável referente à psicopatia, quando se compararam reclusos e não reclusos, por isso foram realizadas 4 ANOVAs com recurso à estatística de F de Welch, sendo que esta estatística é robusta quando existem violações da homogeneidade das variâncias (Pestana & Gageiro, 2020). Nestas ANOVAs, recorreu-se a correções de Bonferroni para ajustar os valores p , multiplicando estes valores pelo número de ANOVAs realizadas.

Para perceber se existiam diferenças no autocontrolo, em função da reclusão e não reclusão e em função do género foi realizada uma ANOVA (*Analysis of Variance*) de 2 fatores, tendo-se verificado, a partir do teste de Levene, que o pressuposto da homogeneidade das variâncias não foi rejeitado ($F(3, 251) = 1.63$, $p = .183$).

Quer nas MANOVAs, quer na ANOVA, o pressuposto da normalidade foi validado através da inspeção gráfica de resíduos (Pestana & Gageiro, 2020).

3. Resultados

3.1 Análise Descritiva das Variáveis em Estudo

Segundo a análise da Tabela 2, em relação à Psicopatia, a dimensão com valores médios mais elevados, quando se considera o total da amostra, é o “Estilo de Vida” ($M = 16.28$; $DP = 5.87$), enquanto a Psicopatia “Antissocial” ($M = 11.88$; $DP = 5.40$) é a que apresenta valores mais baixos. Algo semelhante ocorre também no grupo dos não reclusos. No entanto, quando se consideram apenas os reclusos, embora a dimensão “Estilo de Vida” continue a ser a que apresenta valores mais elevados, a que apresenta valores mais baixos passa a ser a dimensão “Interpessoal”.

No que se refere à Capacidade para Amar, quando se considera o total da amostra, a “Gratidão” é a que demonstra valores médios mais elevados ($M = 3.45$; $DP = 0.54$) e a “Permanência da Paixão” é a que demonstra valores mais baixos ($M = 2.78$; $DP = 0.86$).

O mesmo ocorre quando se considera o grupo de reclusos e o grupo de não reclusos, em separado.

Tabela 2.*Análises descritivas das variáveis em estudo.*

	Total				Recluso				Não Recluso			
	<i>N</i>	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>Amplitude</i>	<i>N</i>	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>Amplitude</i>	<i>N</i>	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>Amplitude</i>
Escala de Autocontrole	255	45.23	7.50	27 – 64	153	45.78	7.96	27 – 64	102	44.40	6.72	29 – 60
Psicopatia												
Interpessoal	255	12.64	4.98	7 – 32	153	14.02	5.37	7 – 32	102	10.58	3.43	7 – 22
Afetiva	255	13.08	4.43	7 – 32	153	14.28	4.47	7 – 32	102	11.28	3.73	7 – 24
Estilo de vida	255	16.28	5.87	7 – 32	153	18.03	6.04	7 – 32	102	13.64	4.47	7 – 27
Antissocial	255	11.88	5.40	7 – 30	153	14.54	5.40	7 – 30	102	7.89	1.64	7 – 14
CTL (Capacidade para Amar)												
Interesse Projeto Vida Outro	255	3.40	.48	1 – 4	153	3.36	0.53	1.43 – 4	102	3.48	0.39	2.29 – 4
Confiança Básica	255	3.21	.53	1 – 4	153	3.18	0.55	1 – 4	102	3.26	0.50	2 – 4
Gratidão	255	3.45	.54	1 – 4	153	3.42	0.57	1 – 4	102	3.51	0.48	2 – 4
Eu ideal	255	3.36	.51	1 - 4	153	3.35	0.53	1 – 4	102	3.37	0.46	2.13 – 4
Permanência da Paixão	255	2.78	.86	1 - 4	153	2.80	0.88	1 – 4	102	2.74	0.82	1 – 4
Perda e Luto	255	2.84	.56	1 - 4	153	2.90	0.64	1 – 4	102	2.75	0.40	1.88 – 3.63

3.2 Associação entre a capacidade para amar, autocontrole e psicopatia

Na Tabela 3., são apresentadas associações entre as variáveis em estudo. A capacidade para amar está correlacionada significativa e positivamente apenas com o autocontrole, o que indica que níveis mais elevados da capacidade para amar estão associados a níveis mais elevados de autocontrole. De facto, o autocontrole correlaciona-se de forma fraca com o interesse pelo projeto de vida do outro, com a confiança básica, e com a permanência da paixão. Apenas a correlação entre o autocontrole e a perda e o luto foi moderada. No que diz respeito às dimensões gratidão e eu ideal, embora apresentem associações positivas com o autocontrole, estas não se revelaram estatisticamente significativas.

Quando associada a psicopatia à capacidade para amar, observa-se que as únicas associações significativas correspondem a associações negativas, o que indica que quando existem níveis mais elevados de psicopatia, a capacidade para amar tem tendência a diminuir.

Já o autocontrole, encontra-se associado de forma significativa e negativa com todas as dimensões da psicopatia, ou seja, quanto maiores os níveis de psicopatia, menores serão os níveis de autocontrole.

Tabela 3.

Correlação entre as subescalas da capacidade para amar, o autocontrole e as subescalas da psicopatia

	Interesse Proj. Vida	Confiança Básica	Gratidão	Eu ideal	Permanência Paixão	Perda e Luto	Auto Controlo	Psicopatia Interpessoais	Psicopatia Afetiva	Psicopatia Estilo de Vida	Psicopatia Antissocial
Interesse Proj. Vida											
Confiança Básica	.745***										
Gratidão	.729***	.757***									
Eu Ideal	.695***	.705***	.851***								
Permanência Paixão	.284***	.290***	.152*	.221***							
Perda e Luto	.073	.143*	-.025	.009	.378***						
Auto Controlo	.133*	.200**	.088	.177	.175**	.385***					
Psicopatia Interpessoais	-.190**	-.242***	-.197**	-.193**	-.049	-.181**	-.397***				
Psicopatia Afetiva	-.196**	-.208***	-.161*	-.117	-.043	-.188**	-.332***	.668***			
Psicopatia E. de Vida	-.172**	-.240***	-.161*	-.172**	-.026	-.069	-.461***	.655***	.596***		
Psicopatia Antissocial	-.084	-.131*	-.116	-.095	.022	.054	-.226***	.664***	.567***	.662***	

Nota: Para a Capacidade para Amar, o Autocontrole e a Psicopatia foram consideradas as estatísticas *F* de Welch.

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

3.3 Diferenças nos níveis da psicopatia, da capacidade para amar e do autocontrolo entre a população reclusa e não reclusa, em função do género

Tal como é apresentado na Tabela 4 foi realizada uma comparação, no que concerne às dimensões da psicopatia, entre reclusos e não reclusos, em função do género, sendo que, na amostra, a psicopatia interpessoal apresenta valores mais elevados num indivíduo recluso do género masculino e valores mais baixos num indivíduo não recluso do género feminino. Para todas as outras subescalas (afetiva, estilo de vida e antissocial) verificou-se igualmente o mesmo fenómeno: o indivíduo recluso do género masculino é o que apresenta maiores níveis e o indivíduo não recluso do género feminino é o que apresenta menores níveis. Quer estejamos a considerar o género masculino ou feminino, analisando a Tabela 4., conseguimos concluir que, na amostra considerada, os níveis de psicopatia são sempre superiores nos indivíduos que são reclusos.

Tabela 4. Diferenças ao nível da Psicopatia entre reclusos e não reclusos em função do género.

Psicopatia	<i>Género Masculino</i>	<i>Género Feminino</i>	<i>Género Masculino</i>	<i>Género Feminino</i>
	<i>Recluso</i> (n=82) <i>Média (DP)</i>	<i>Recluso</i> (n=71) <i>Média (DP)</i>	<i>Não Recluso</i> (n=28) <i>Média (DP)</i>	<i>Não Recluso</i> (n=74) <i>Média (DP)</i>
Interpessoais	14.57 (5.45)	13.38 (5.25)	11.04 (3.82)	10.41 (3.29)
Afetiva	14.95 (4.58)	13.51 (4.23)	12.38 (3.69)	10.88 (3.69)
Estilo de Vida	18.90 (5.97)	17.03 (6.01)	14.43 (4.18)	13.34 (4.56)
Antissocial	15.51 (5.75)	13.42 (4.78)	8.61 (2.08)	7.62 (1.36)

Apesar das diferenças observadas na amostra, o género não influenciou significativamente os níveis de psicopatia ($\Lambda = .960$; $F(4, 248) = 2.584$, $p = .38$; $\eta_p^2 = .040$), sendo que apenas o efeito de se ser ou não recluso foi estatisticamente significativo ($\Lambda =$

.960; $F(4, 248) = 2.584$, $p = .38$; $\eta_p^2 = .040$). Adicionalmente, a interação entre o ser ou não recluso e o género não se revelou significativa ($\Lambda = .995$; $F(4, 248) = .30$, $p = .876$; $\eta_p^2 = .005$), o que significa que a conclusão a que se chegou, tanto em relação ao efeito do género, como em relação ao efeito de se ser ou não recluso, não depende da presença da outra variável.

Uma vez que a MANOVA relativa à psicopatia revelou diferenças significativas nos níveis de psicopatia de reclusos e não reclusos, procedeu-se à realização de 4 ANOVAs, de forma a verificar quais as dimensões da psicopatia que eram significativamente diferentes. Conforme se pode verificar pela consulta da Tabela 5, todas as dimensões da psicopatia revelaram-se significativamente diferentes entre reclusos e não reclusos, sendo que o primeiro grupo apresentou sempre níveis superiores.

Tabela 5.*Diferenças ao nível da Psicopatia de reclusos e não reclusos*

Psicopatia	<i>Recluso</i> (<i>N</i> = 153) <i>Média (DP)</i>	<i>Não recluso</i> (<i>N</i> = 102) <i>Média (DP)</i>	<i>df1</i>	<i>df2</i>	<i>F</i>	η_p^2
Interpessoais	14.02 (5.37)	10.58 (3.42)	1	252.61	38.83**	.115
Afetiva	14.28 (4.47)	11.28 (3.73)	1	240.25	33.62***	.110
Estilo de Vida	18.03 (6.04)	13.64 (4.47)	1	250.28	44.53***	.135
Antissocial	14.54 (5.41)	7.89 (1.64)	1	191.39	203.29***	.365

Nota: Para a Psicopatia foi considerada a estatística *F* de Welch.

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

No que se refere à capacidade para amar, o ser ou não recluso não influenciou significativamente os níveis da capacidade para amar ($\Lambda = .954$; $F(6, 246) = 1.51$, $p = .175$; $\eta_p^2 = .036$), o mesmo ocorrendo com o género ($\Lambda = .975$; $F(6, 246) = 1.039$, $p = .401$; $\eta_p^2 = .025$). Uma vez que o efeito da interação entre o género e de ser ou não recluso também não foi significativo ($\Lambda = .995$; $F(6, 246) = .22$, $p = .972$; $\eta_p^2 = .005$), a conclusão a que se chegou, relativamente ao efeito que ser ou não recluso exerce sobre os níveis da capacidade para amar, não depende do género dos indivíduos, da mesma forma que a conclusão sobre o efeito que o género exerce sobre os níveis da capacidade para amar também não depende do facto de o participante ser ou não recluso.

Relativamente ao autocontrolo, observou-se algo semelhante, ou seja, o efeito do género ($F(1, 251) = .03$; $p = .859$; $\eta_p^2 = .000$) e da reclusão também não foram significativos ($F(1, 251) = 1.28$; $p = .259$; $\eta_p^2 = .005$) e, uma vez que o efeito da interação entre o género e ser recluso ou não, não foi significativo ($F(1, 251) = .74$; $p = .390$; $\eta_p^2 = .003$), as conclusões a que se chegaram para cada uma das variáveis (género e reclusão) não dependem da presença da outra variável.

4. Discussão

Este estudo/investigação teve como fundamento principal analisar os níveis de autocontrolo, psicopatia e capacidade para amar, percebendo igualmente se existem diferenças estatisticamente significativas, comparando a população reclusa da população não reclusa, em função do género masculino e feminino.

Primeiramente, e em concordância com o primeiro objetivo deste estudo, pretendeu-se “*Explorar as associações entre o autocontrolo, as dimensões da psicopatia e a capacidade para amar*” e verificou-se que no geral, à medida que os níveis de capacidade para amar vão aumentando, os níveis de autocontrolo vão aumentando em concordância, da mesma forma que quanto mais altos forem os níveis de autocontrolo, maiores serão os níveis da capacidade para amar e das suas sub dimensões. A maior associação com o autocontrolo refere-se à dimensão da aceitação da perda e do luto. Um estudo de Allemand e col. (2019) vai de encontro a esta associação, na medida que referem que quando um individuo é capaz de controlar e consequentemente direcionar o seu comportamento, apresenta como preditor uma maior capacidade de promover a própria estabilidade emocional e satisfação em relacionamentos amorosos, sendo que desenvolve naturalmente melhores habilidades relacionais e comunicacionais com o seu parceiro.

Relativamente à associação da capacidade para amar e da psicopatia, verificou-se que níveis mais elevados de psicopatia estão significativamente associados a níveis mais baixos de capacidade para amar, o que corrobora os estudos de Hare e Neumann (2008) e Neumann e col. (2015), que indicam que a psicopatia engloba uma faceta afetiva caracterizada pela falta de remorso, culpa, falta de empatia e um afeto superficial, diminuindo significativamente a capacidade dos indivíduos em estabelecer e manter uma relação íntima, profunda e duradoira com um parceiro romântico.

Igualmente à capacidade para amar, quando é associado o autocontrolo à psicopatia, os resultados são notórios para o facto de quando aumentam os níveis de psicopatia, diminuem os níveis de autocontrolo, tal como corroboram os estudos de Baumeister (2002) salientando que o quando existem baixos níveis de autocontrolo, mais predisposição existe para comportamentos impulsivos e comportamentos agressivos (DeWall et al., 2007). Este défice de autocontrolo é considerado como impulsionador de variados comportamentos antissociais, violentos e criminosos (Baumeister, 2013).

Seguidamente, o segundo objetivo aponta para a “*Análise dos níveis de psicopatia, comparando-os entre a população reclusa e não reclusa, em função do género*”, verificando-se que não existem diferenças entre o género masculino e feminino. Apenas foram encontradas diferenças significativas no facto do indivíduo ser recluso ou não. Ressalva-se que a própria interpretação dos resultados pode estar no cerne de questões maioritariamente ambientais e associadas particularmente ao crime e podem ser vistos como um possível critério para estas conclusões, o que vai de encontro a estudos de Soeiro e Gonçalves (2010), na medida que sustentam que a existência de fatores ambientais na vida do indivíduo podem impactar a forma de como o mesmo se relaciona com o seu comportamento. Outros estudos, indicam ainda que existe uma maior prevalência nos níveis de psicopatia no género masculino, comparativamente com o género feminino (Dolan, 2009; Coid, 2009).

Ao “*Analisar os níveis de autocontrolo, comparando-os entre a população reclusa e não reclusa, em função do género*”, verificou-se que não existem diferenças significativas entre géneros nem entre reclusos e não reclusos, contudo, estudos prévios de Pechorro et al., (2021) têm indicado que os níveis mais elevados de autocontrolo estão mais presentes na população forense, estando esta população relacionada com a prática de crimes e comportamentos agressivos e/ou delinquentes.

Por fim pretendeu-se “*Analisar os níveis da capacidade para amar, comparando-os entre a população reclusa e não reclusa, em função do género*”. Neste caso, os resultados apontam que, de uma forma geral e ao analisar as sub dimensões da variável em questão, não existem diferenças significativas associadas ao género nem ao facto do indivíduo ser recluso ou não. Ressalva-se, deste modo, como aponta um estudo de De Claire et al. (2020) que, como os reclusos se encontram num contexto com experiências potencialmente negativas, pode ter impacto na forma como se relacionam com os outros e como desenvolvem as suas experiências amorosas mesmo que, alguns participantes da sua amostra, tivessem referido que desenvolveram comportamentos adaptativos para se conseguirem relacionar amorosamente de forma consciente. Contudo, no presente estudo, este objetivo pode conter algumas lacunas e limitações, por existirem mais participantes reclusos que não se encontram numa relação amorosa e, dado o contexto e circunstâncias em que se encontram inseridos, os resultados apontam para que sejam os não reclusos (do género masculino) a pontuarem níveis mais elevados nesta variável.

Conclui-se que foram encontradas algumas limitações nesta investigação, nomeadamente no que se refere à homogeneidade da amostra, na medida em que, ao analisar a amostra, e tratando-se de um estudo de comparação entre dois grupos distintos, as características sociodemográficas eram igualmente distintas. Reparou-se principalmente que a maioria da amostra apresentava habilitações ao nível do ensino secundário, sendo que as restantes estavam pouco representadas.

Outra limitação encontrada deriva do facto de que muitos reclusos não conseguiam interpretar as perguntas do questionário de forma coerente, visto terem disputado algumas dificuldades ao nível da língua portuguesa, mesmo tendo a escolaridade mínima. Ainda sobre os participantes reclusos, pode ter sido considerada uma limitação o contexto em si, a falta de interesse em participar no estudo, fatores que envolvem a desmotivação, medo de fuga de informação e medo de repreensão relativamente às respostas dadas.

Pode ser considerada ainda outra limitação, participantes que, à priori, pudessem ter conhecimentos no âmbito dos instrumentos e, por sua vez, possa ter influenciado as suas respostas, principalmente para quem frequenta ou frequentou o curso de psicologia.

Outro ponto a considerar visa a desejabilidade social associada às dimensões em estudo, visto poder ter influência no tipo de respostas apresentadas, sendo sugerido que futuramente se possa aplicar uma medida que controle esta dimensão.

Futuramente, seria importante continuar a investir neste tipo de estudos, principalmente com a população reclusa, visto que, comparativamente com a população comunitária, tem sido menos investigada.

Por último e no que concerne às implicações para a prática de psicologia da justiça, esta investigação mostrou-se bastante significativa para a compreensão da distinção destas dimensões entre os reclusos e não reclusos, em função do género, entendendo-se a necessidade de aprofundamento destas dimensões em futuras investigações, dado o carácter contextual, ambiental e situacional a que estas duas populações estão expostas.

Acredita-se deste modo que oriente futuros psicólogos na sua prática clínica e na potencialização das suas intervenções.

Referências bibliográficas

- Allemand, M., Job, V., & Mroczek, D. K. (2019). Self-control development in adolescence predicts love and work in adulthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 117(3), 621–634. <https://doi.org/10.1037/pspp0000229>
- Baumeister, R.F. (2002). Yielding to temptation: Self-control failure, impulsive purchasing, and consumer behavior. *Journal of Consumer Research*, 28, 670–676.M.
- Baumeister, R.F. (2013). Self-control, fluctuating willpower, and forensic practice. *Journal of Forensic Practice*, 15, 85–96.
- Blackburn, R. (1992). Criminal behaviour, personality disorder, and mental illness: the origins of confusion. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 2(2), 66–77. <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/cbm.1992.2.2.66>
- Blackburn, R. (2004). “What works” with mentally disordered offenders. *Psychology, Crime & Law*, 10(3), 297-308. <https://doi.org/10.1080/10683160410001662780>
- Boduszek, D., Debowska, A., Dhingra, K., & DeLisi, M. (2016). Introduction and validation of Psychopathic Personality Traits Scale (PPTS) in a large prison sample. *Journal of Criminal Justice*, 46(October 2017), 9–17. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2016.02.004>
- Bowlby, J. (1988). A secure base: Parent-child attachment and healthy human development. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. *International Journal of Psychoanalysis*, 39, 350-371
- Braz, A. (2006). Reflexões sobre as origens do amor no ser humano. *Psicologia para América Latina*, (5) Recuperado em 27 de outubro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000100006&lng=pt&tlng=pt
- Cleckley, H. (1976). *The mask of sanity* (5th ed.). St. Louis, MO: Mosby. Fowles, D. C. (1980). The three arousal model: Implications of Gray's two-factor learning theory for heart rate, electrodermal activity, and psychopathy. *Psychophysiology*, 17, 87–104

- Cohen, J. (1988). Statistical power analysis for the behavioral sciences. Routledge Academic.
- Coid, J., Yang, M., Ullrich, S., Roberts, A., Moran, P., Bebbington, P., Brugha, T., Jenkins, R., Farrell, M., Lewis, G., Singleton, N., & Hare, R. (2009). Psychopathy among prisoners in England and Wales. *International Journal of Law and Psychiatry*, 32(3), 134–141. <https://doi.org/10.1016/j.ijlp.2009.02.008>
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult Attachment, Working Models, and Relationship Quality in Dating Couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644–663. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.58.4.644>
- Cruz, J. F., Sofia, R., Osório, J., Valente, J., & Silva, J. (2013). Auto-controlo no desporto: Estudo de adaptação e validação da “Brief Self-Control Scale.” In *VIII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 1221–1231).
- De Claire, K., Dixon, L., & Larkin, M. (2019). How prisoners and their partners experience the maintenance of their relationship during a prison sentence. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 30(3), 293–306. [doi:10.1002/casp.2445](https://doi.org/10.1002/casp.2445)
- DeLisi, M., Bouffard, J. A., & Miller, H. A. (2020). Another Look at the Self-Control vs. Psychopathy Debate: a Study Assessing Sexual Aggression, Aggression, and Substance Abuse. *American Journal of Criminal Justice*. <https://doi.org/10.1007/s12103-020-09582-w>
- DeLisi, M., Pechorro, P., Maroco, J., & Simões, M. (2021). Overlapping measures or constructs? An empirical study of the overlap between self-control, psychopathy, Machiavellianism and narcissism. *Forensic Science International: Synergy*, 3. <https://doi.org/10.1016/j.fsisyn.2021.100141>
- De Ridder, D., & Gillebaart, M. (2017). Lessons learned from trait self-control in well-being: Making the case for routines and initiation as important components of trait self-control. *Health Psychology Review*, 11(1), 89–99. <https://doi.org/10.1080/17437199.2016.1266275>
- DeWall, C.N., Baumeister, R.F., Stillman, T.F., & Gailliot, M.T. (2007). Violence restrained: Effects of self-regulation and its depletion on aggression. *Journal of*

Experimental Social Psychology, 43, 62–76

Dolan, M.; Vollm, B. (2009) Antisocial personality disorder and psychopathy in women: A literature review on reliability and validity of assessment instruments. *International Journal of Law and Psychiatry*, v. 32, p. 2-9.

Duckworth, A. L., Taxer, J. L., Eskreis-Winkler, L., Galla, B. M., & Gross, J. J. (2019). Self-Control and Academic Achievement. *Annual Review of Psychology*, 70(1), 373–399. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010418-103230>

Gray, A. (1994). Personality dimensions and emotion systems. In P. Ekman, R. J. Davidson (Eds.), *The nature of emotion* (pp. 329-331). Oxford University Press

Hare, R. D. (1980). A research scale for the assessment of psychopathy in criminal populations. *Personality and Individual Differences*, 1(2), 111–119. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(80\)90028-8](https://doi.org/10.1016/0191-8869(80)90028-8)

Hare, R.D. (2013). *Sem Consciência. O mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós*. Porto Alegre: Artmed Editora. (Original publicado em 1993).

Kapusta, N. D., Jankowski, K. S., Wolf, V., Guludec, M. C. Le, Lopatka, M., Hammerer, C., Schnieder, A., Kealy, D., Ogrodniczuk, J. S., & Blüml, V. (2018). Measuring the capacity to love: Development of the CTL-inventory. *Frontiers in Psychology*, 9(JUL), 1–13. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01115>

Kernberg, O. F. (2011). Limitations to the capacity to love. *International Journal of Psychoanalysis*, 92(6), 1501–1515. <https://doi.org/10.1111/j.1745-8315.2011.00456.x>

Lima, V., Vieira, F., & Soares, I. (2014). Vinculação em casais: avaliação da representação da intimidade e da interacção conjugal. *Psicologia*, 20 (1), 51. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v20i1.377>

Lykken, D. T. (1995). *The antisocial personalities*. Mahwah, NJ: Erlbaum

Margherita, G., Gargiulo, A., Troisi, G., Tessitore, F., & Kapusta, N. D. (2018). Italian validation of the Capacity to Love Inventory: Preliminary results. *Frontiers in Psychology*, 9(AUG). <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01434>

Marôco, J. (2014). *Análise estatística com o SPSS statistics* (6ª edição). ReportNumber.

- Mejia, C. Y., Donahue, J. J., & Farley, S. D. (2020). Mean, uncommitted, and aggressive: Divergent associations between triarchic psychopathy, elements of love, and caustic relationship behaviors. *Journal of Social and Personal Relationships*, 37(4), 1193–1215. <https://doi.org/10.1177/0265407519890414>
- Myrseth, K. O. R., & Fishbach, A. (2009). Self-control: A function of knowing when and how to exercise restraint. *Current Directions in Psychological Science*, 18(4), 247-252. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2009.01645.x>
- Neumann, C. S., Hare, R. D., & Pardini, D. A. (2015). Antisociality and the Construct of Psychopathy: Data from Across the Globe. *Journal of Personality*, 83(6), 678–692. <https://doi.org/10.1111/jopy.12127>
- Neumann, C. S., & Hare, R. D. (2008). Psychopathic traits in a large community sample: Links to violence, alcohol use, and intelligence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 76(5), 893–899. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.76.5.893>
- Ordem dos Psicólogos Portugueses (2011/2016). Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses, Diário da República, 2a série, 78, 26 de Dezembro de 2016, 37500-13. Disponível em: www.ordemdospsicologos.
- Pechorro, P., Marsee, M., DeLisi, M., & Maroco, J. (2021). Self-control and aggression versatility: moderating effects in the prediction of delinquency and conduct disorder among youth. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 1–18. doi:10.1080/14789949.2021.1959627
- Pechorro, P., Pontes, C., DeLisi, M., Alberto, I. & Simões, M. (2018) Escala Breve de Autocontrolo: Validação e Invariância numa + Amostra de Jovens Portugueses / Brief Self-Control Scale: Validation and invariance in a sample of Portuguese youths. *Revista Iberoamericana de Diagnostico y Evaluacion Psicologica*. <https://doi.org/10.21865/RIDEP54.1.01>
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. M. (2020). Análise de dados para Ciências Sociais: A complementaridade do SPSS (6ª edição, 2ª impressão). Edições Sílabo.
- Pinheiro, M., Cunha, O., & Gonçalves, R. A. (2020). Emotions, Affections, and Psychopathy Among Female Prisoners. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 64(6–7), 708–729.

<https://doi.org/10.1177/0306624X19895976>

- Seara-Cardoso, A., Queirós, A., Fernandes, E., Coutinho, J., & Neumann, C. (2020). Psychometric Properties and Construct Validity of the Short Version of the Self-Report Psychopathy Scale in a Southern European Sample. *Journal of Personality Assessment*, 102(4), 457–468. <https://doi.org/10.1080/00223891.2019.1617297>
- Soeiro, C. & Gonçalves, R. (2010). O estado de arte do conceito de Psicopatia. *Análise Psicológica*, 1 (XXVIII): 227-240.
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93(2), 119–135. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.93.2.119>
- Tangney, J. P., Boone, A. L., & Baumeister, R. F. (2018). High self-control predicts good adjustment, less pathology, better grades, and interpersonal success. *Self-Regulation and Self-Control: Selected Works of Roy F. Baumeister, April 2004*, 173–212. <https://doi.org/10.4324/9781315175775>
- Tracy, R. L., & Mary D. Salter Ainsworth. (1981). Maternal Affectionate Behavior and Infant-Mother Attachment Patterns. *Child Development*, 52(4), 1341–1343. <https://doi.org/10.2307/1129529>
- Viding, E., McCrory, E., & Seara-Cardoso, A. (2014). Psychopathy. *Current Biology*, 24(18), R871–R874. <https://doi.org/10.1016/j.cub.2014.06.055>